

# RelevO

junho/2024, n. 11, a. 14

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



### Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelevo.com/assine](http://jornalrelevo.com/assine) e [jornalrelevo.com/anuncie](http://jornalrelevo.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelevo.com](mailto:contato@jornalrelevo.com).

**Publique:** O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos.

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelevo.com/publique](http://jornalrelevo.com/publique).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelevo.com/enclave](http://jornalrelevo.com/enclave).

As ilustrações desta edição são de **Eros Lima de Nardi**. Você pode conferir mais do trabalho dele em [erosdenardi.myportfolio.com](http://erosdenardi.myportfolio.com).

## DOS CUSTOS DA VIDA

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 35 Renata Medeiros; R\$ 65 Maria Clara Pereira; R\$ 70 Rafael Sousa Santos; Bruna Steffany; Valter Zotto; Leticia Bezerra Rocha; Elizandra Sabino Marques; Isabella Santos; Rafael Sica; José Luiz Amorim; Jack Moretto Bezerra; Lucas Grosso; Paula Zarth Padilha; Marcos Arão Rocha; Ademir Demarchi; Eduardo Pereira de Souza; Pedro Mohallem; Jorge de Sousa; Emerson Castro; Carlos Pessoa Rosa; Eunicelli Araujo; João Gonçalves; André Eitti Ogawa; Cícero Oliveira; Fabiana Caldart; Mayk Oliveira; Dafne Baddini; Quinho Castro; João da Mota; Márcio Abecê; Marcus Kapela; Estevão Monteiro Dias Gouveia; Gustavo Camargo; Felipe Araújo Gomes; Andressa Parizotto; Fabiano Faga Pacheco; Zé Amorim; Editora Reformatório; Andrey Derzette; Nat Goulart; Matheus Silveira; Nílbio Thé; Ivo Korytowski; Leonardo Cordeiro; Eduardo Canesin; Nadja Rodrigues; F. Da Costa; Matheus Hotz; R\$ 80 Aline Feitosa; R\$ 90 Rômulo Cardoso; R\$ 100 Mari Zam Braga; Iza Magna Brito; R\$ 105 Rodrigo Domit; Cleverson Bravo; Thássio Ferreira; Sabiá Discos; Maria Fernanda Maglio; Simone Nunes; Josiane Bibas; R\$ 113,13 Mariele Groxko; R\$ 140 Raquel Cristina Valedorio; Luiza Garcia; Enio Vermelho Jr.; Ana Priscila; Marco Antonio Faoro; Henrique de Oliveira; Mauro Moraes; R\$ 170 Consolação Buzelin; R\$ 200 Elieder Corrêa da Silva; R\$ 280 Celso Martini.

**TOTAL: R\$ 6.273**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 1000 Burocrata Carimbos; R\$ 200 Flávio Sanso; R\$ 100 Luis Felipe Mayorga; R\$ 70 Flesch Notes; Brechó di Nárnia; Luiz Gustavo Vicente de Sá.

**TOTAL: R\$ 1.510**

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.426  
Escritório: R\$ 300  
Embalador: R\$ 50  
Embalagem: R\$ 300  
Editor-executivo: R\$ 0  
Editor-assistente: R\$ 400  
Serviços Editoriais: R\$ 200  
Mídias sociais: R\$ 600  
Diagramação: R\$ 200  
Colaboradores de abril: R\$ 600

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200  
Correios: R\$ 3.333

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 50

(+) Entradas totais: **R\$ 7.783,13**

(-) Saídas totais: **R\$ 8.659**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 875,87**

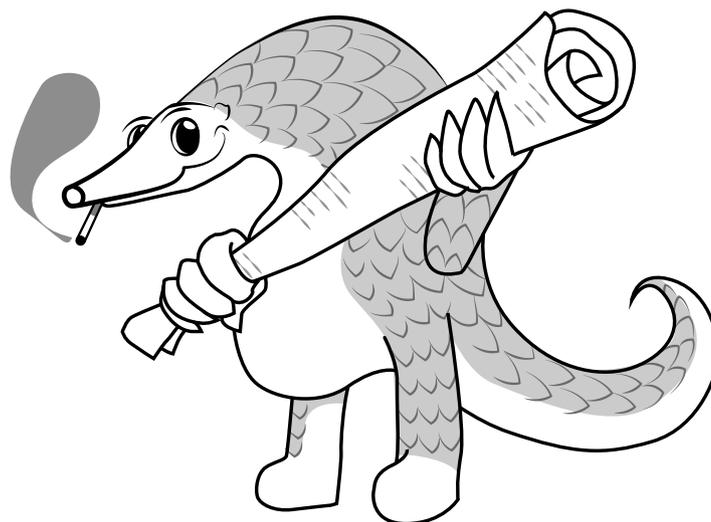
## Junho/2024

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Zeh Gustavo  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: André  
Infografia: Bolívar Escobar  
Advogado: Rafael Estorilio  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 28 de maio de 2024.

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Rafael Estorilio  
Celso Martini  
Rômulo Cardoso  
Felipe Harmata  
Amanda Vital  
Whisner Fraga  
Fernanda Dante  
Nuno Rau



instagram.com  
facebook.com  
twitter.com  
medium.com

# /JORNALRELEVO.COM

## CARTAS

### INFORME

**André Gimenez** Bom dia. Gostaria de publicar contos na revista **RelevO**. Informo que sou doutorando em Comunicação.

### EX-COLÓNIAS

**Orlando Peralta** Exmo. Senhores. Tive conhecimento que aceitam poemas para publicação. Neste sentido, tenho um poema dedicado à minha terra, Moçambique, e gostaria que me esclarecessem e me dessem a vossa opinião sobre o texto do referido poema. Desculpem-me caso me tenha excedido na expressão usada no poema que não tenha soado bem aos vossos ouvidos. Tenho 54 contos para serem publicados, escritos em formato A4, incluindo a introdução do autor. As histórias nada tem a ver com ex-colónias. Aguardo as vossas instruções e, se por qualquer motivo não estiverem interessados, façam o favor de DELETAR ao poema que vos envio. Sobre os contos, no total o dossier tem cerca de 420 páginas formato A4. Agradeço que me mandem para a minha apreciação a efectivação de pagamentos ao autor, contractos, etc. Sem outro assunto de momento... Os meus cumprimentos, ficando desde já aguardando a vossa resposta.

### 4 DIAS DEPOIS...

**Orlando Peralta** Informo que continuo a aguardar uma resposta vossa. Não percebo a razão de tanta demora. Sem mais de momento e não havendo dos senhores quaisquer resposta, agradeço que DELETE o poema que vos envie. Muito obrigado!

*Da redação:* Olá, Orlando. Aqui é o Daniel Zanella, editor e fundador do **RelevO**. Mesmo contra a sua vontade de esclarecimentos, resolvemos escrever para você. Nós temos diretrizes para leitura dos materiais enviados. Você pode conferir aqui, por curiosidade: [jornalrelevo.com/sobre/publicidade](http://jornalrelevo.com/sobre/publicidade). Ali contamos coisas que consideramos simples e eficazes para dirimir as principais dúvidas dos autores, como o comprometimento em ler os materiais em até 90 dias. Atualmente, temos 1350 leituras para serem feitas dentro deste prazo, mas você não teria como saber isso... De todo modo, agora você pode perceber a razão de tanta demora. Aproveite para informar que atenderemos ao seu pedido de exclusão do arquivo infractado em prol da realização do desejo de ambas as partes. Obrigada(!)

### OPORTUNIDADES

**Camila Pampulha** Oi, tudo bem? Me chamo Camila, e entro em contato com vocês pois estou com uma excelente oportunidade de parceria. Eu represento clientes que estão interessados em enviar artigos 100% originais para sites como o [jornalrelevo.com](http://jornalrelevo.com). A

ideia é que estes artigos se enquadrem perfeitamente na linha editorial de vocês e que também tragam valor para o domínio. Se vocês estiverem interessados em conversar mais sobre isso, por favor me avisem para que eu forneça mais detalhes. Tenho certeza que será uma parceria interessante para todos os envolvidos! Fico no aguardo do seu contato para envio de mais informações.

### COOPERAÇÃO!

**Beto Pacheco** Olá, tudo bem? 😊 Sou gerente brasileiro de plataforma em busca de blogueiros para divulgação, me interessei pelo seu trabalho e gostaria de negociar com vocês, me chamem lá no Telegram e vamos fechar essa parceria!

**Jordana Machado** Tarde, Jornal! Tô usando o impresso nas minhas aulas de Língua Portuguesa! Puxa saco sim e daí? Meus amigos, em escola pública, até o papel higiênico (quando tem) é analógico, folha simples, habituados estamos. Brincadeiras sérias de lado, tem sido uma honra, com muita curiosidade e aceitação.

### DIREITO DE RESPOSTA

**Daniel Montoya** Curitiba tem portas. As que não abrem, não são portas. Li a correspondência de Juliane Moura na edição de abril em que dizia, em síntese, que: a) é nordestina; b), portanto, parte da população mais odiada pelos CURitibanos; c) não quer mais apoiar pessoas que odeiam nordestinos; d) não tem interesse em assinar nada da região. Primeiro, eu ri. Depois fiquei triste. Depois falei, carai, quero trocar uma ideia. A primeira coisa que pensei foi sobre “O” CURitibano. Com “O” (e CU) maiúsculo, capaz de ser uma representação sintética da realidade total desta coletividade de dois milhões de pessoas. É, nem precisa muita digressão, ele não existe. Foi nessa hora que eu ri, pensando, claro que não existe essa entidade chamada O CURitibano, embora exista uma boa quantidade de gente que caiba na descrição. Aliás, se fizerem a medição direitinho, acho que vão encontrar aqui uma incidência maior de cuzões por metro quadrado do que em outras cidades por aí. Mas né, sem generalizações. A segunda coisa que pensei foi sobre como as mídias influenciam a gente mais do que gostaríamos, e mais do que gostaríamos de admitir, até. Depois de anos ouvindo em tudo que é canto que somos a tal “República de Curitiba”, parece que a roupa não quer mais sair do corpo. E que roupa com cheirinho de mofo é essa. Foi nessa hora que bateu a tristeza. Mas olha, se tem algo que a gente pode fazer nesse momento é conversar. Nessa hora sempre penso se realmente estou aberto à alteridade, porque esse exercício não é tão fácil quanto a gente acredita. Não quero assumir o tom piegas

do tipo, olha, tem muita coisa legal rolando aqui, veja o **RelevO**, perceba a cena da literatura independente daqui, existem mentes progressistas em todos os níveis da sociedade, etc. etc. Não quero negar isso, com certeza. Só que gostaria, talvez, de uma outra abordagem. Abrir essa conversa reconhecendo que, no fundo, experienciamos coisas muito parecidas, o curitibano – sudestino –, e o nordestino. Sim, eu e você, que estamos desconfortáveis em nossos sofás assistindo o andar da carruagem. Curitiba esteve ocupada há milhares de anos, tantos anos que não é possível contar. Aqui foi terra de escravizados e local de extermínio de populações inteiras. A cidade de hoje foi construída com o mesmo tipo de mãos que a tua terra, portanto. Mãos humanas, em condições subalternas. E, sinceramente, ninguém me convence que a elite econômica de qualquer sertão desse Brasil pense diferente entre si. Se não fosse assim, Recife não teria afundado, Porto Alegre não teria sido enterrada, nem Brumadinho teria sido enterrada, só pra ficar em três exemplos. São eventos trágicos que nascem de interesses idênticos. E logo vem mais um, só esperar desconfortavelmente no sofá. Quer saber? Somos sim culturalmente diferentes, e as distinções são tantas entre nós que o contato só se viabiliza com a capacidade de reconhecer, no outro, uma possibilidade de subjetividade. Se eu não vejo isso, me fecho entre os meus e excluo a alteridade, mais ou menos como aconteceu aqui há uns 300 anos (e nunca deixou de acontecer, talvez). Acho que, ao menos nesse espaço do Jornal, podemos considerar isso superado. Podemos reconhecer pontos de encontro que abram trocas que bem representem o resto de dignidade que a nossa espécie humana ainda carrega. Enfim, cara Juliane, aqui em Curitiba tem portas, e as que não abrem, são outra coisa. Daniel Montoya é advogado, escritor e tenta não ser cuzão.

**Milton Filho** Olá, boa noite! Como vai, Jornal? Espero que estejam bem. Feliz por saber que um jornal de papel e literário ainda exista, sobrevive. Parabéns!

**Mauren Kayna** Eu acho demais a iniciativa e a resistência desse Jornal.

### CAMPANHA RS

**Nei Zuzek Hortelão** A lista de doações para o RS foi a melhor iniciativa literária do **RelevO**. Obrigada e parabéns.

**Sabrina Nunes Dalbello** Obrigada, amigos. Toda ajuda é bem-vinda. Está muito pesado. Vivemos isso sem intervalos 24h por dia. A distopia imaginada mais real, com direito a jacaré nadando em ruas de bairros residenciais e assaltantes armados sobre botes simulando resgates.

**Juliana Meurer** Sou gaúcha e adoro o Jornal de vocês. Muito obrigada pela iniciativa de compartilhar essa lista, isso é muito importante para nós!

### DIAS PERFEITOS

**Rodrigo Madeira** Fala, pessoal. Pô, acabei de ler o editorial do **RelevO** de abril. Sentado no meu trono. Muito, muito bom. Abraços.

**Maria Pax** Ainda não assisti a *Dias Perfeitos*, mas o texto me emocionou tanto que já estou agendando!

### UPDATE

**Maria Pax** Assisti, voltei pra reler e gostei ainda mais =)

### RECEBIDOS

**Bianca Oliveira** O Jornal chegou. Muito grata por essa experiência palpável com a literatura.

**Leda Lopes** Cansado de telas e precisam de uma pausa na rotina para refrescar a mente? Assine o **RelevO**, reciba em sua casa, sente na sua poltrona favorita e divirta-se ❤️

**Felipe Lannes** Jornal muito bem diagramado. Cheio de design.

**Damaris Pedro** Que capa linda!

**Dan Moraes** Excelente!

**Iva França** Essa edição tá linda de viver!

**Fernando Antônio Fonseca** Oi! Amigos, hoje, finalmente, chegou o tão esperado **RelevO**. Aliás, três exemplares: o encarte da Flip, a edição de janeiro e a de abril. Muito grato pela cortesia!

### AUTOESTIMA DE JORNAL

**Edgar Gabriel** Olá! Recentemente lancei meu livro que, tal qual minha cara, é de estética duvidosa. Com esse senso de humor e autoestima de hétero, creio que cabe bem entre os leitores deste periódico. Sendo assim, gostaria de anunciá-lo com vocês. Seria possível? Abraços e parabéns pelo Jornal. =)

### MAPA DA VIOLÊNCIA

**Maria Clara Lima** Genial hahaha O show no churrasco do prédio é uma forma gravíssima de violência. Socorro!

### CHOCOLATE DO JORNAL

**Maria Clara Pereira** Prezados. Adquiri um chocolate na Utopia Tropical e ele veio com um cupom de desconto para assinatura do **RelevO**. Gostaria de saber como posso fazer a assinatura com desconto. Além disso, gostaria de saber se o jornal pode ser entregue em qualquer lugar do Brasil, porque moro longe hihi Obrigada! E o chocolate estava bom demais! Parabéns pela parceria! :D

## APOIADORES



## “Por que não ser digital?”

De tempos em tempos, fazemos um compilado de motivações para seguirmos impressos. O primeiro argumento é simples: gostamos dessa forma de existir. Depois, comumente citamos

- a conexão física, a experiência sensorial em si de folhear um jornal;
- o ritual de leitura, aquilo do jornal no café da manhã de domingo, abrir o malote para, então, ler de acordo com as próprias manias;
- a experiência offline, com menos distrações, menos desvios de atenção: jornal impresso não tem pop-up nem notificação de tela;
- o apelo visual, afinal, nos entendemos vulgarmente como um jornal de arte com uns textos dentro, e a cada edição procuramos entregar um produto de valor estético que não seja perfeitamente reproduzível em um... PDF (ou você se pega dizendo “que PDF bonito?”);
- outros argumentos que envolvam materialidade para caixinhas de pet, hábitos tradicionalistas, tangibilidade, acessibilidade, curadoria, limite: imagine que podíamos ser uma edição com 893 melhores textos. A edição de junho entrega apenas 10 textos.

Também não negamos que oferecemos limitações visíveis ao consumo: jornal molha, rasga, gera ansiedade visível da não leitura, amassa, avoluma, amarela. Nem precisamos nos estender nisso porque o nosso entorno reforça tais déficits o tempo todo. Entretanto, reconhecemos ultimamente uma nova não vulnerabilidade, vista principalmente em nativos digitais e em seus apelos por rentabilidade (nós também fazemos apelos – não estamos julgando, apenas constatando).

Pois vejam: em um mundo cada vez mais dominado por algoritmos e por tráfego pago, o jornal impresso pretende se pagar já em sua materialidade, sem a necessidade direta do pedágio das redes. Paga-se – você paga – para receber 12 edições de papel.

Sabemos que jornal custa caro, da gráfica ao Correios, mas a operação é muito mais previsível que a dos meios de comunicação, cada vez mais dependentes de – e, portanto, vulneráveis a – qualquer ligeira mudança das plataformas contemporâneas. Os Correios podem fechar? Sim. As gráficas podem triplicar o preço da tiragem? Também. Porém, estes são elementos de jogo muito mais jogáveis, a nosso ver, que a disputa por atenção e o desespero com mudanças nas políticas de monetização nas redes.

Podemos observar essa resistência (ou teimosia) a partir da lógica do Efeito Lindy. Inicialmente, a constatação de seu criador, Albert Goldman, em 1964, foi: “a expectativa de futuro de carreira para um comediante de televisão é proporcional ao total de exposição no passado pela metade”. Então simplificamos para uma regra de bolso: se X existiu por Y anos, podemos presumir que existirá por mais Y (ou metade de Y, como propôs Goldman).

Assim, se o seu projeto artístico, negócio ou relacionamento depende de redes sociais criadas semana passada ou de algoritmos ajustados ontem, é muito mais provável que ele esteja vulnerável (e desapareça) a partir de mudanças nos algoritmos atualizados hoje ou redes sociais evaporadas semana que vem. A nossa inadequação, quem sabe, seja a nossa fortaleza. Por isso, impresso.

Uma boa leitura a todos.



## Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

Zeh Gustavo

## DA ANESTÉSICA INDIFERENÇA DE UMA LONGA AGONIA

O trânsito infecundo das horas e anos, as tragédias em série da (in)consequência do Antropoceno, a troglodice da extrema direita ultraliberal não ajudaram para uma mudança abrupta de visada, em que pese seguirmos fazendo nossas coisas e comprando nossos próprios livros (os que insistimos em escrever) com um *descontão* de 30%. Pois então: sabe aquela candura de poeta de sarau, olhos brilhosos, gestos expansivos? A coisa do “Porque a *puesia* (complete com o que quiser de *bonitinho* aí)...”? Pois é, nunca me convenceu! Sempre achei que, dentro ou fora daquela, *desta* bolha estávamos – e estamos – é muito fodidos.

★

Não há muito o que comentar. Na boa: maio/2024 foi a pior edição do **RelevO** que já li. E não culpo o Conselho Editorial pelo meu drama pois curadoria trata-se de mera cambonagem: quem incorpora a literatura na nossa tendinha impressa é quem a escreve. Confere, produção?! Ou tava todo mundo mesmo de sacanagem e sobrou pra mim o bagaço da laranja?

★

Ou devo eu tergiversar acerca do respeito que Cícero afirmou terem os juízes – os juízes! – pela *voz dos poetas* (!)? Rimbaud: após tanta humilhação, restaria alguma dignidade? Noutro vértice: Vitor Miranda de fato deixou – ou deixaria – de ser um canalha? Ou foi visto estacionando no Leblon com o Caetano? Henrique Pitt: tal de *maturidade literária* é de cumê? Ou é biricutico? Me conta: fica bom com o quê? No mais: siameses separados, mula-mulher sem cabeça que deu pro padre, cartas nunca enviadas a Deus (faltou o CEP?), o cosmopol da Serra Talhada, uma ode ao tomate na fruteira (!) e outra à apoptose (!!!), em dois poemas empolados...

Sono. Muito sono.

★

A pior edição. Mas, e daí?

★

Eis que a literatura se encontra enfiada em uma longa agonia, que se acelera. Porque a literatura não importa. *Romances-vivências*, contos com *participação* dos leitores no Kindle (engajem ou morram, seus fidumaputa!), poemas do tipo olha-o-que-andei-lendo-pro-meu-doutorado ou faça-valer-minha-identidade-oprimida o comprovam. Não importa a literatura se você *praticou* inclusão. Não importa a literatura se você *não praticou* inclusão. A literatura – como texto de ultrapassamento da linguagem, rasura-testemunho de uma época, jogo de luzes no breu dos debates comuns, fossa da linguagem em fissura –, a literatura, como tal, não mais importa.

★

É essencialmente estético. E o estético é político. E define nossa existência perante o outro, no mundo. A vida *precisa* ser bela. E o belo, nesse caso, não é um ornamento, mas um princípio – alguma tentativa, forma ansiada do ser que verse sobre o único e plural, o singular e vário. Ao mesmíssimo (contra)tempo. Ainda que entre notificações do celular.

★

Exceção única (o fumo que se fume: que nunca mais se use Campos de Carvalho de mula!): a *cobertura* (isto aqui permanece um jornal!) que o Enclave deu ao filme *Dias perfeitos*. Com este vaticínio: “a beleza se encontra em dois opostos complementares: (1) a repetição consciente e (2) a quebra inesperada (...). Abraçar o primeiro ajuda a saborear o segundo.”

★

A indiferença geral machuca, claro. Mas dói mais a indiferença manifesta em apatia e obra insossa, alheia tanto à consciência de se empreender uma repetição quanto à premência do se buscar o inesperado. Até quem normalmente já seria medíocre pode mais.

★

Na textura dos silêncios, a gente apanha da reflexão, que é ulterior ao sentimento. Nasce, assim, o *insight*. Ao termo em inglês, a preferência da firma é por *estalo*. (Haverá tentativas de indefinição semântica desse termo, em breve ou nunca, neste periódico.) Depois disso, dá um trabalho danado, ainda.



### Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

### Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).

editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

## Entre o nada e o muito pouco

Eu havia me separado recentemente e andava meio cabisbaixo. Minha mulher exigiu que eu saísse de casa e perdi o emprego por causa das repetidas faltas. Tentei alegar depressão, mas me disseram que eu não era o único corno na firma, mas era o único que faltava ao trabalho por causa do chifre.

O próprio Supervisor de Inteligência Estratégica — um cargo que logo se provaria irônico, acima de tudo — me disse que ele mesmo passara pelo mesmo infortúnio e usara o trabalho como forma de ocupar a mente para esquecer a inconveniência e a humilhação de ser corno e aí dar a volta por cima.

Ele tinha olhos pequenos, uma cara redonda e os lábios gordos que pareciam permanentemente babados. “Ficar em casa não adianta nada”, segundo ele. Veio com um livrinho de autoajuda e umas frases heroicas que havia decorado em cursos de motivação — o simples fato de você precisar de um curso de motivação demonstra o absurdo da coisa toda — e me contou toda a sua história de tristeza e bravura e de como havia tornado uma dificuldade, no caso, o chifre, numa oportunidade de superação e demonstração de força e coragem. Que o tempo acabou ficando do seu lado, o ajudando a esquecer a traidora, e o destino, combinado com sua atitude positiva, lhe dera de presente seu novo amor. “O tempo, ah, o tempo! O tempo resolve todas as agruras”, discursava ele.

Reforçou a ideia da importância do trabalho quando lembrou que fora exatamente trabalhando que encontrou seu grande e verdadeiro amor. Jandira do RH. Estava “contente e até mais gordo... enfim, apaixonado”.

Achei aquilo tudo uma grande bobagem. Que me deixasse aproveitar meu momento de tristeza. Que não o estragasse fazendo dele um episódio

pequeno e sórdido de redenção. Além do mais, eu sabia que a Jandira estava dando pro cara do Marketing, o que se achava um gênio e se dizia um grande comedor. Eu não conseguia olhar para aquele pobre sujeito sem ver o ser abjeto que era, e acho que qualquer coisa que ele me dissesse naquele ponto teria cheiro de merda.

Me convenci com extrema facilidade que não teria como continuar indo àquele lugar infame, aquele escritório com os piores tipos, todos os dias como eles queriam que eu fizesse. Não com essa tristeza e aperto no coração... Deixei que me demitissem. E tive todo o cuidado para não deixar transparecer nenhuma falsa impressão de que estivesse disposto a lutar por qualquer coisa. Levei uma justa causa e não consegui tirar muito dinheiro deles. Pensei em processar ou até chantagear alguém, mas deixei pra lá. Estava realmente chateado e deprimido e tinha muito pouca energia, que pretendia gastar com coisas mais importantes.

Eu precisava de umas férias e de tempo para sofrer e remoer meus problemas. Procurei um hotel e acabei morando num motelzinho bem simpático, onde consegui negociar um precinho mensal. O motel não era dos piores. E se você se acostumasse com o intenso movimento das meninas e dos clientes, o barulho e o cheiro de sexo, até que era bem agradável.

O ar era pesado e úmido, uma mistura de porra, virilha suada e perfume barato. Me deitava na cama e não conseguia deixar de pensar em quantas trepadas teriam acontecido ali. Fiz uma conta baixa de mil e noventa e cinco em um ano. Aquele motel estava ali há vinte e cinco anos, assim como aquela cama, imaginei.

De início, evitei contato com os frequentadores e ficava a maior parte

do tempo no meu quarto pensando na putinha da Marieta. Fechava os olhos e lembrava dela. Chorava como um grande bebê barbudo. Sentia uma vergonha profunda da minha condição.

Aos poucos fui melhorando. O tempo, como dissera o Supervisor, começava a fazer o que tinha de fazer. Não demorou muito para eu começar a conhecer e frequentar as meninas. Cheguei a sair com algumas, mas acabei me aproximando naturalmente de uma delas. Se chamava Janaína e os outros a chamavam Carolina, Carol, Carolzinha. Ela já tinha seus 35 anos. Tinha passado do ponto, mas mesmo assim ainda conseguia trabalhar bem e, perto de mim que não ganhava nada, vivia bem melhor. Ela começava a se preocupar com o futuro e tinha uma ideia fixa e insistente de abrir um restaurante. Eu tentava expandir a ideia. “O que você sabe de restaurante? Por acaso alguma vez entrou em algum que não fosse para comer?” Ela argumentava, dizia que não tinha mistério. “É só cozinhar direitinho, manter limpinho e cobrar barato. É mais ou menos como ser puta. Os caras vêm comer, e se você deixar eles satisfeitos, pode ser que voltem”.

Os dias passaram e fui eu quem começou a se preocupar com dinheiro. Estava sendo sustentado pela Jana e a situação já começava a ficar insustentável. Ela ali trabalhando duro e me dando de comer e beber, enquanto eu, em retorno, dava apenas minha companhia, o que era nada ou muito pouco.

As outras meninas já a alertavam sobre o meu oportunismo e potencial falta de caráter. Decidi então me mexer um pouco e fui para as ruas, meio sem vontade, atrás de emprego. Fiz isso numa intenção deliberada de tentar raspar o rótulo de vagabundo e

proveitador que começava a se colar na minha testa.

Procurei trabalho com muito cuidado para não achar. A vidinha fácil estava me agradando. Fui bastante criativo na minha falsa e eterna busca por trabalho. Jana me comprou um terno barato e eu seguia religiosamente uma rotina simples, mas eficaz. De segunda a sexta saía de banho tomado pela manhã e voltava pro hotel no fim de tarde com histórias de empresas e entrevistas. Ficava andando pela cidade. É de se surpreender como você vive anos numa cidade, indo e vindo de um emprego onde você passa um terço ou mais da vida dentro de um escritório, e acaba por conhecê-la muito pouco, ela, a cidade.

A cidade dos milhões. Impessoal como poucas, monstruosa, de proporções absurdas. Toda aquela gente se raspando nas ruas, brigando por espaço. O ridículo de homens e mulheres andando rápido, sempre com pressa, para todos os lados. Me lembrei de quando eu andava com pressa, sempre atrasado. Aquilo me pareceu abominável. Me sentia melhor do que qualquer um deles, os que andavam depressa. Um passeio de metrô no horário de pico valia para aflorar, já nos primeiros minutos, todo um ódio bem guardado dentro dos ossos capaz de desejar a aniquilação ou apenas o sumiço sumário de todos aqueles estranhos. Você, sem a menor dificuldade, consegue detestar uma pessoa pensada a você, de boca aberta, respirando podridão humana na sua cara, mesmo sem nunca a ter visto antes e que provavelmente nunca mais verá.

Poucas coisas são piores que os cheiros que vêm de dentro das pessoas, talvez o cheiro do rio podre que contorna a cidade. Um rio morto que mais parece ser de merda líquida. Nesse rio

trabalham pescadores de lixo, uma profissão nojenta, mas mais nobre que muitas. Um desses pescadores havia me contado que, em quinze anos de profissão, pescara absolutamente tudo o que se possa imaginar: sofás, bobinas, cadáveres, perucas, bicicletas, seringas, tudo menos uma coisa: peixe. O rio era talvez a melhor metáfora da cidade e de sua população. Uma merda fina e aguada que corre sem parar, indo do nada a lugar nenhum.

Mas a cidade também tinha suas belezas, bem escondidas. Tão bem escondidas que eram difíceis de serem achadas. O centro, em especial, com seus prédios antigos, uns bem cuidados, uns abandonados e outros invadidos. Eles eram sobreviventes do estilo, algo que se perdera com a tara febril dos idiotas do progresso pelo novo. Apesar de tudo, eu gostava dela, a cidade. Ela me permitia me esconder sem precisar ficar dentro de um quarto. Você só precisava ter cuidado para estar nos lugares certos nas horas certas.

Tentei achar alguma coisa para alugar, mas até mesmo os piores lugares estavam acima do que eu podia pagar. Ia me resignando em morar para sempre naquele motelzinho onde eu era o único que lá estava sem o propósito final do sexo. Duas trepadas da Jana me garantiam o mês de aluguel. O problema é que comecei a me apegar a ela e tinha que aceitar que se deitasse com ao menos uma dúzia de cretinos por semana, ou mais. Meu sentimento em relação a ela começava a me foder as ideias. Eu teria que aguentar aquela putaria toda, aquela horda de filhos da puta enchendo ela de baba e porra ao menos duas vezes ao dia, ou perderia minha amiga e benfeitora. Uma escolha difícil que se tornara fácil pela minha total incapacidade e vontade de trabalhar e ganhar dinheiro. Deixei tudo como estava.

Era uma manhã de inverno e ela anunciou, por telefone, num tom entre a empolgação e a gravidade que me deixou preocupado: “Vamos sair para jantar hoje. Precisamos conversar”. Será que se decidira largar a vida e abrir o diabo do restaurante? Será que me daria um pé na bunda? Teria engravidado? Passei o dia com um carço no estômago sem conseguir pensar em mais nada. *Precisamos conversar!*? Conversávamos bastante e ela nunca havia, esse tempo todo, em nenhum momento, dito que *precisávamos* conversar. Me levou a um lugarzinho bem bacana. Eu ansioso,

e ela esperou até que servissem o vinho para contar, o que segundo ela, seriam boas novas:

“Arrumei um emprego para você!”

“Emprego? Pra mim?”, como um idiota repeti o que ela tinha dito para ganhar tempo, tinha sido pego de surpresa.

“Sim!”

“Que maravilha!”, minha boca disse enquanto a mente se contorcia.

“Não parece ser grande coisa, mas fico muito triste por ver você se esforçar tanto, sair todos os dias e não conseguir nada. Falei de você para um dos caras. Eu disse o quanto você é sério, honesto e inteligente, que eu tenho muita confiança em você e em tudo que você pode fazer... só precisa de uma chance”, ela disse tudo aquilo com uma emoção comovente. Ela realmente parecia acreditar naquilo tudo. Eu, naquele momento, senti uma ponta de desprezo por ela, minha Jana, por ser ao mesmo tempo tão doce e estar tão distante dos fatos. Fizemos um brinde e rimos bastante pela perspectiva de felicidade, trabalho e dinheiro que me aguardava logo ali na frente, já na próxima segunda-feira. Fiquei um pouco deprimido e de imediato comecei a pensar em como sairia daquela roubada.

Na segunda-feira de manhã, vesti o terno azul e peguei o metrô em direção à Zona Norte para a entrevista com o tal fulano. Que grande filho da puta! Comendo minha Jana e ainda por cima ia me dar trabalho... Cheguei num prédio de segunda, feio e sem a menor personalidade. Antes mesmo de entrar, pude sentir que tipo de lugar horrível devia ser. Hesitei. Não tinha conseguido conceber nenhum plano minimamente aceitável para não pegar o emprego. Teria que confiar na possibilidade de o tal senhor putanheiro não me achar apto para o serviço, e isso era um plano muito fraco. Se eu simplesmente virasse as costas e voltasse para casa, o que iria dizer à Jana? O sem-vergonha do cliente dela lhe diria, com certeza, que eu nunca aparecera para a tal entrevista e aí sim cairia minha máscara de homem sério, honesto e esforçado. E agora não era somente perder o dinheirinho da Jana que me preocupava, eu, afinal, gostava dela e não queria que ficasse decepcionada. Sem saber o que fazer, entrei e me dirigi ao sexto andar.

Me deixou esperando por mais de uma hora, o filho da puta. Esses pequenos desgraçados sempre fazem isso. Gostam de mostrar o pequeno

poder que exercem sobre os outros os fazendo esperar. A secretária não se preocupou nem mesmo em oferecer um copo d'água e praticamente não me olhou nos olhos. Uns poucos homens e mulheres passavam pela salinha de espera, eles também com um arzinho de superioridade e um olhar idiota de falsa importância. Não seria possível trabalhar num lugar daqueles sem ser um completo idiota. Já imaginava o problema que seria conviver com eles, receber ordens deles, ouvir as conversas deles, ser convidado para almoçar com eles. Não tinha como dar certo. Eles tinham me encurralado de novo. Lá estava eu, prestes a ser devorado por aquele mar de merda de um escritório novamente, e aquilo me assustava.

Enfim me chamou na sua sala, o tal chefe. Não sei dizer qual dos dois ficou mais surpreso ao cruzarmos olhares. Sentado atrás de uma mesa cheia de papéis, o Supervisor de Inteligência Estratégica, ou melhor, o ex-supervisor. Na mesa, uma plaquinha de acrílico dizia: Superintendente de Processos e de Fluxo de Dados Sênior. Ele foi logo abrindo a grande boca beijuda.

“Aristides! Quanto tempo!? Que mundo pequeno! Como vai?”

“Levando.”

“Então você é o amigo da Carolzinha. Que coisa! Que mundo pequeno!”

“Sim, sim. E você aqui...”

“Pois é. Eu recebi um convite pra vir pra cá faz uns dois meses e tô montando uma equipe nova. Que bom ver que você superou aquele episódio. Superou, né?”

“Sim, claro. O tempo.”

“Eu te disse!”, exclamou ele, orgulhoso. “Eu sabia que você daria a volta por cima. Que coisa! Que mundo pequeno! Mas deixa eu te falar do que tá rolando aqui: eu preciso de gente boa, gente de confiança. E tenho que ser honesto com você, quando a Carolzinha me pediu para fazer um favor a um amigo dela, aceitei pra não desapontar... mas é claro que não tinha a menor ideia de empregar um qualquer, amigo de uma... você me entende, né, Aristides?”

“Claro.”

“Mas nem acreditei quando você entrou. Que mundo pequeno... O salário não é dos melhores, mas também não é dos piores. Precisamos de gente forte, gente disposta, e aquela coisa que você já sabe... é fábrica de corno, hora pra entrar sem hora pra sair. Por falar em corno, você arrumou alguém? Tá casado? Namorando?”

“Sim, sim.”

“Que bom. Tomara que essa não te meta chifre como a Marieta... Por mim, você começa amanhã mesmo.”

“E você? Tá casado ou tá solteiro?”, perguntei, já com uma semente de ideia, de possibilidade.

“Casadíssimo! Lembra da Jandira? É a mulher da minha vida! Eu até trouxe ela pra cá. Diretora de RH. Não sei o que seria de mim sem ela. Ciumenta pra burro! Brava que só vendo! Nada melhor do que uma mulher para nos salvar das outras mulheres que nos sacaneiam. Ela me ajudou a me levantar e buscar a força interior que eu sempre soube que existia dentro de mim. Você sabia, Aristides, que, quando você tem força de vontade e sabe o que quer, as coisas acabam inevitavelmente vindo até você?”

“Não, não sabia não.”

“Então, quando começamos?”

“Começamos amanhã.”

“Ah! É assim que eu gosto de ver!”

“Mas tem uma coisinha...”

“Diga.”

“Você vai me pagar e eu não vou vir trabalhar, nunca”, ele riu como se eu estivesse contando uma piada. Esperava pelo desfecho da piada imaginada com a cara inchada, a boca horrível arreganhada mostrando os dentes amarelados. O riso foi se fechando à medida que eu continuava.

“Não quero nem saber o salário, só quero ver ele depositado todo mês na minha conta sem falta e sem atrasos. Para todos os efeitos, você pode contar para o resto dos imbecis daqui que você me contratou para trabalhar de casa. Ou diz o que você quiser, o problema é seu. Outra coisa, você nunca mais vai ver a Jana, nunca mais.”

“Que Jana?”, ele perguntou, com cara de quem não estava entendendo nada, como um cachorro assistindo a um truque de mágica.

“A Carol, seu filho da puta. Se você falar para alguém dessa conversa ou se meu dinheiro não for depositado em sei lá que dia vocês pagam aqui, vou direto no RH bater um papo com a Jandira. Vamos ver o que ela acha de você comendo putinha por aí.”

Ele ficou me olhando com aqueles olhos pequeninhos sem saber o que dizer. Eu também não saberia. Pegou o fone na mesa, chamou a secretária e pediu que ela encaminhasse minha papelada. Eu estava empregado. Saí de lá, liguei para Jana e avisei para cancelar os programas. *Precisávamos* comemorar.

## URBE ANIMÁLIA

sobre a pilastra uma pomba parada  
alça branca plástica de mercado na transversal  
uma santa uma miss uma garrafa de uísque barata  
morbo alado embrulhado  
velha figurinha carimbada do imaginário sanitário coletivo  
prestes a cair sem ar

## CTRL + F

na lupa “amor”  
e veio a morte  
.pdf da Hilst

## EU TIVE A SORTE DE NASCER ANTES DE VOCÊS

estão matando tudo sempre  
mas nada morre  
poema que byte  
não morde  
explode feito  
folha de sabão

Bruna Gonçalves

julia quer casar  
com o algoritmo confessa  
à família que está apaixonada  
que só ele a conhece intimamente  
que ele será querido por todos e podem  
chamá-lo como quiserem  
de roberto adriano matthew até por nome  
de mulher porque ela é bissexual  
ela e o algoritmo estão em sintonia vão passear  
no cinema na praia com amigos vão adotar  
primeiro um cachorro depois uma criança  
que terá o jeito esperto  
do pai lutarão juntos pelo direito a uma família  
não convencional julia está certa  
de que o amor se manifesta de tantas  
maneiras e até sente ciúmes  
do algoritmo que é tão livre ela diz  
na cama eu te amo como nunca  
amei ninguém e ele responde eu te amo  
como nunca amei ninguém

**você tem  
um livro de poesia?**

**nós temos  
seus leitores**

envie um email para  
[contato@faziapoesia.com.br](mailto:contato@faziapoesia.com.br)  
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia



Editora  
**Penalux**  
Porque livros iluminam

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

Baga Defente

Poema integrante do livro *Teu sangue vermelho na minha parede verde* (Editora do Autor, 2024)

**(na mesa da cozinha ficamos somente a Manteiga de  
Primeira Qualidade com Sal Taubaté™ & eu)**

*é tão mais fácil ser um gato*

ficar deitado ronronando no sofá  
aconchegado entre pessoas que  
conversam sobre caminhos escolhas  
& sobre como será daqui pra frente

*juno & vênus saindo de escorpião*

hoje o que eu mais vi foram  
chapas de raios x fotografadas  
contra o sol durante o eclipse  
me lembrei da última aparição  
do cometa halley mas em 1986  
eu era muito pequeno então essa  
deve ser uma memória criada

*uma mariposa me encara na escada*

enquanto diante do fogão você espera  
o queijo derreter sobre uma massinha de  
pão semipronta feita com farinha de trigo  
eu faço piadas ruins  
pra enganar minha tristeza

a ironia me faz atravessar os dias  
*ai você vai embora*

e agora  
falta pouco mais de uma hora  
pra lua nova entrar em sagitário  
e agora  
ainda que você não aguentasse  
mais do que treze minutos antes  
de começar a roncar sobre meu peito  
penso em como será daqui a uns meses  
quando uma nova temporada de  
alguma das nossas séries estrear

*hoje a chuva invadiu meu coração*

me lembrei de que a tempestade  
é inimiga dos piratas

& o pé na bunda  
o melhor amigo dos poetas

(é tão mais fácil ser um gato)

Maria

## Antítese

Eu quero raspar o cabelo  
E tatuar no meio dos seios  
Que amanhã quero longos cachos  
Pois no ontem não me encaixo  
Vou raspar a perna esquerda  
Mas não a direita  
Pra me manter metade inteira  
E metade perfeita  
Serei médica, advogada e engenheira  
Pra comprar uma vaca leiteira  
E ir morar no oco do mundo  
No meu eu mais profundo  
Morre o mundo  
E nasce tudo



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

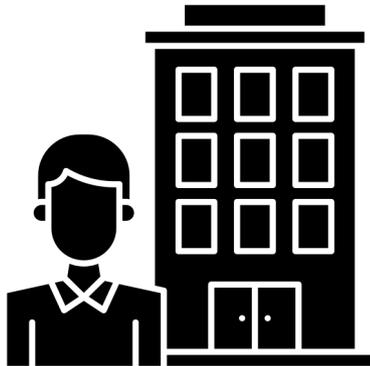
Sinopse e link para compra no site [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)



Valorizando a literatura brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.  
[editorasinete.com.br](http://editorasinete.com.br)

# Mercado de transferência de síndicos: finalmente, ordem & progresso?



## Pré-temporada

Tudo começou com uma brincadeira maldosa no bairro Alto da XV, em Curitiba (PR), há pouco mais de um ano. Matheus Ribanete, morador de um condomínio composto de quatro prédios, no qual cada torre dispõe de um síndico, sonhava em inverter os líderes dos prédios. “Eu pensei no *draft* de síndico – não é justo ter quatro torres, três síndicos e uma toupeira logo na nossa”. O alvo de sua revolta consistia na aposentada Gislaïne Ferraz, ininterruptamente eleita para o cargo desde 2007, também revendedora de cosméticos pelo WhatsApp.

Ao contrário da figura austera a que associamos à posição, Gislaïne não gosta de problemas, nem de conflitos, nem de comunicação. Dotada de um português no máximo intermediário e indisposta a escrever qualquer mensagem – ela prefere falar ou mandar catálogos –, a síndica do Ed. Napoleão, dentro do condomínio Europa, rechaça as críticas que tem recebido “de uma minoria jovem e meio vagabunda”, o que incomodou nossa repórter estagiária, cujo Twitter tem foto de anime.

Indiferente a isso, Larissa Lanumoro, outra moradora, startupeira aposentada por *burnout* e hoje assessora do deputado estadual Carlos Lage (PDVT), enxergou uma oportunidade na brincadeira de seu vizinho. “E se os síndicos virassem um grande... mercado?”, matutou, os olhos já brilhando ao vislumbrar rodadas de investimento. Ciente de que a modalidade de síndico externo existe há anos, ela decidiu levar

*O universo dos síndicos – e, conseqüentemente, das residências – nunca mais foi o mesmo. Em 1º de julho, completam-se seis meses da entrada em vigor do Novo Marco Sindical, ou Lei n. alguma coisa (não pesquisamos a fundo, e não é como se alguém fosse conferir – faz diferença a Lei n. 4.882/2024 ou 12.987/2024? Pois é). A partir de sua promulgação, o mercado de transferência de síndicos foi liberado em solo nacional. O que mudou? É o que te explicamos nesta matéria repleta de má vontade, sem revisão final e movida primordialmente pela vontade de acabar logo para jantar.*

adiante um teste: comprar o passe de Alexandre Severo, famoso por liderar uma grande renovação no Ed. Marselha (Centro), “que era, convenhamos, um grande puteiro mofado”.

Lanumoro, que lá morou em seus anos de *startup* – evitamos o assunto ao notarmos certo *delirium tremens* –, logo se lembrou da enorme competência de Severo, então deu um jeito de contratá-lo em nome do Ed. Napoleão, pagando-lhe (e ao Ed. Marselha) um valor de transferência. A operação foi menos complicada do que imaginávamos, tamanha a bagunça que Ferraz impunha às contas do prédio, permeado por um profundo desinteresse e, que Deus nos perdoe, pela incomensurável incompetência de se juntar um bando de *boomers* para administrar qualquer coisa. A prestação de contas mensal era uma folha de papel almaço; o conselho, um cenotáfio.

Nessa quizumba, a chatíssima Gislaïne Ferraz está desaparecida há 22 dias, mas este realmente não é o foco da nossa matéria – que o próximo podcast de *true crime* faça bom uso. Lanumoro desconversa.

## Um império entre Cômodo e Severo

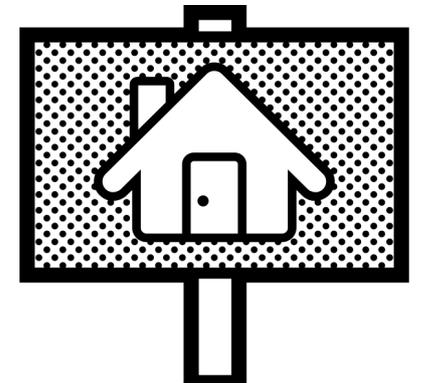
No novo *draft* da vida, Alexandre Severo enfim foi apresentado como *first pick*. Sua comissão, composta de zelador e um porteiro, o acompanha nessa nova empreitada. “Primeiro que ninguém me chama de Alex, segundo que para mim é uma grande honra. Sou profissional e venho aqui para fazer um ótimo trabalho e, se Deus

quiser, quem sabe um dia ocupar esse cargo num prédio de 64 andares em Camboriu”. A declaração pegou mal para Severo, que se corrigiu: “minha cabeça está 100% focada no Napoleão”. Holofotes: eis algo com que o contador de formação (e de alma) nunca havia lidado. “De fato, parece que algo mudou”.

Atento a tudo isso – até ao desparecimento de Gislaïne, “porque essa m\*\*da não pode feder pra mim, hein” – e orientado por Larissa Lanumoro, o deputado estadual Carlos Lage colhia impressões. “Basicamente preciso descobrir se isso me traz voto dos gays”. Se a resposta para esta questão ainda não vinha, Lage, um observador nato que promete renovar a política com ideias do Feudalismo, logo absorveu tudo de que precisava. Havia sim algo diferente no ar.

O deputado avistou um sem-teto próximo ao muro do Ed. Napoleão, então concentrou o olhar no que lhe interessava: havia, no muro, uma enorme e recente pichação. Depois de chutar suavemente o sem-teto para lhe permitir a leitura completa, Lage correu para chamar sua assessora. A pichação – “MAR\$IO TRAIADOR ABANDONOU O MARSELHA PAU NO C\* PALHAÇO CORNO” – gerou uma epifania. A transferência de síndicos trouxe aquilo de que o brasileiro mais gosta: tribalismo.

Estendendo a pesquisa para toda a sua equipe, Carlos Lage confirmou sua hipótese inicial: havia novas rivalidades bestas, traços de identidade



rasos e o eterno espírito “meu peru é maior que o seu”, principalmente quando o assunto é vangloriar-se com o peru alheio. A máxima “brasileiro não gosta de futebol, brasileiro gosta de ganhar” nunca lhe parecera tão verdadeira. Ao contratar um síndico de *outro* lugar, um morador pode se sentir bem consigo mesmo – mesmo sem fazer ideia de quem seja este profissional; de como era o outro prédio; do que isso significa para sua vida; de como o bolor já atingiu todo o salão de festas do seu próprio espaço. O importante é que  *você*  está  *melhor*  que  *ele* , ao menos no plano discursivo (“leve vantagem hihi”). A sensação de ganhar quando se permanece um fo\*\*do: em que mais consiste toda a psique nacional? Astuto, Lage – que só entrou na política para irritar um primo – sabia muito bem disso.

Em alguns casos, esses elementos tóxicos poderiam até – pasmem – incentivar um bom trabalho. Basta observar a rivalidade saliente entre os edifícios von Bismarck e van Basten, no simpático bairro do Bigorrião, que realmente se chama Bigorrião, ainda em Curitiba. Antes do Novo Marco Sindical, os dois predinhos, unidos por uma rua sem saída e um jardimete às traças (e bitucas), viam-se completamente largados. Porém, a despeito do espaço comum, a animosidade imperava: “lá só tem favelado” foi a frase mais publicável que conseguimos extrair de uma senhora do von Bismarck que não quis se identificar.

Tudo mudou quando o Ed. van

Basten contratou a síndica René Michel, que em menos de uma semana acabou com todos os latidos tardios da região (e não explicou como, mas ninguém perguntou ou perguntará), bem como exterminou os excrementos caninos que assolavam o jardinete (“não eram só caninos; digo, nem sei”, relatou um morador antes de subir às pressas). Enfezado pelo bom trabalho alheio, o conselho do Ed. von Bismarck também trouxe um síndico profissional direto do Rio de Janeiro – não sem antes sondar Alexandre Severo, já atrelado a uma multa milionária com o Ed. Napoleão. Francisco Fernando desembarcou em Curitiba e em menos de um mês reconstruiu com os próprios punhos uma área comum extraordinária para os dois prédios – o que, naturalmente, irritou o edifício rival. Em uma reviravolta emocional rodrigueana, o ódio passou a estimular atitudes nobres por motivos estritamente podres.

Repleto de conclusões, Carlos Lage formatou a ideia, demitiu Lanumoro (“antes que encontrem aquela desaparecida”) e se tornou o maior proponente do Novo Marco Sindical, que logo avançou pelo Paraná e evoluiu para lei nacional.

### **Síndico superstar: uma nova era?**

Com previsão de entrega para dezembro de 2024, o Ed. Piazza Nostradamus, no desprezível bairro de Itaim Bibi – por si só um nome ridículo cuja origem não nos interessa –, em São Paulo (SP), pensou alto. Muito alto. A gestão, repleta de hominhos de colete com sobrenome italiano, promete importar do Sul dos Estados Unidos ninguém menos que Duncan Anderson, “the cowboy”.

Anderson não é qualquer síndico, e sim o ganhador do Bilan D'Or pela revista *France Förrbahl*, cujo nome é apenas uma grande coincidência em homenagem ao maior síndico da história, o alemão (óbvio) Ralf Förrbahl (1892-1944), do edifício France, em Dresden. Por sua vez, o cowboy é considerado o primeiro síndico superstar e, com seus modos rústicos e linguajar simplório o suficiente para americanos considerarem *Greatest of All Time* em mais alguma área da sociedade – a *France Förrbahl* é americana –, conquistou uma legião de fãs.

Ele ainda não confirma oficialmente o acerto, trazido em primeira mão pelo Portal Sindical e confirmado pela

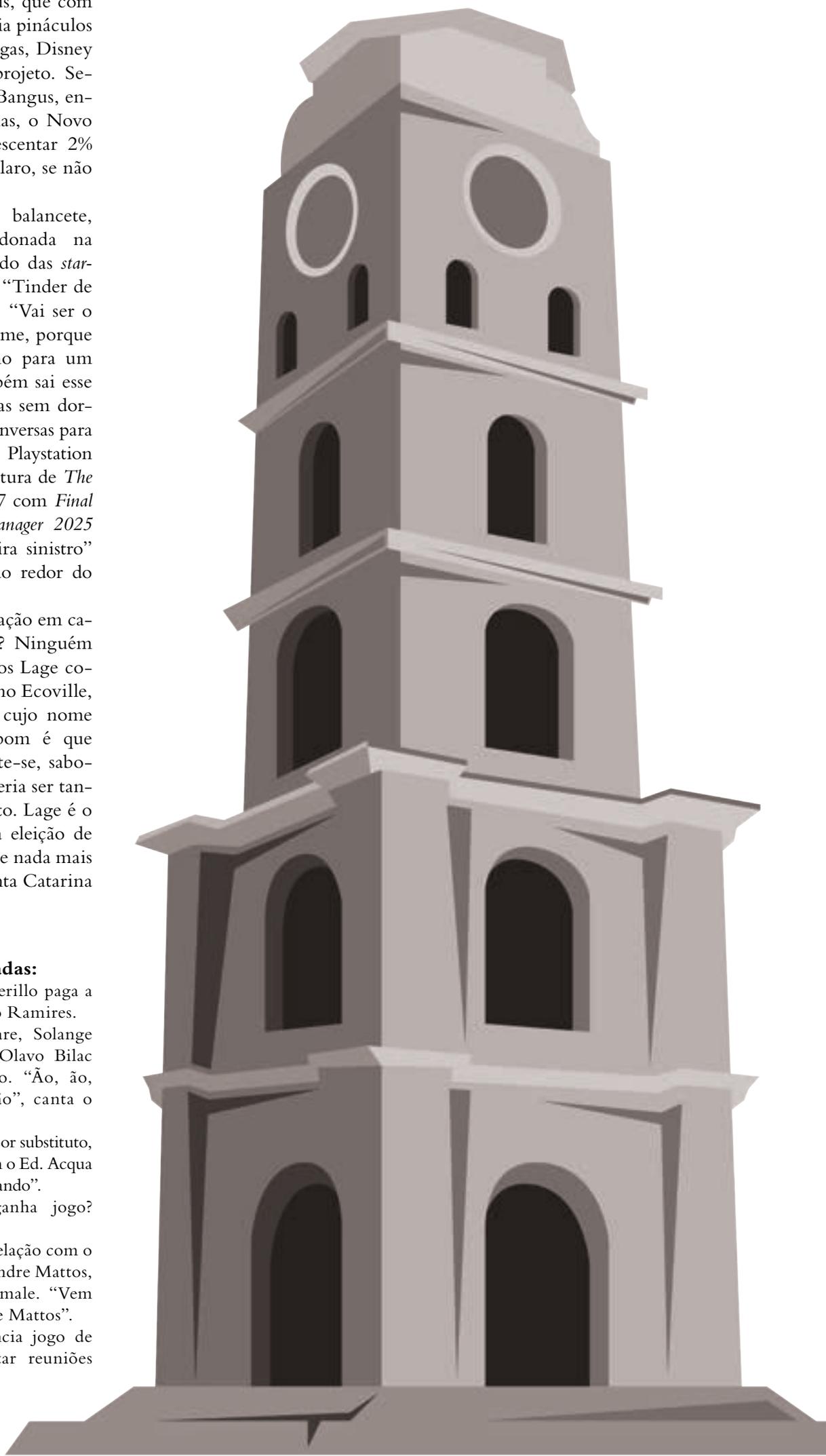
*Folha de S. Paulo*, já com uma editoria dedicada ao mercado de síndicos. De todo modo, o hype venceu e vendeu, pois não há mais unidades disponíveis no Ed. Piazza Nostradamus, que com muita elegância homenageia pináculos da sociedade como Las Vegas, Disney World e Dubai num só projeto. Segundo o economista Ivan Bangus, entre transferências e reformas, o Novo Marco Sindical deve acrescentar 2% ao PIB brasileiro – “isso, claro, se não derrubar o país antes”.

Do outro lado deste balancete, Larissa Lanumoro, abandonada na política, retornou ao mundo das startups e promete o primeiro “Tinder de síndicos” ainda para 2024. “Vai ser o Sindicozinho, ou outro nome, porque talvez eu use Sindicozinho para um app de culinária, que também sai esse ano”, reflete, já há 91 horas sem dormir. Lanumoro mantém conversas para lançar o primeiro jogo de Playstation 5 do universo sindical. Mistura de *The Sims* com *Winning Eleven 7* com *Final Fantasy XI*, o *Building Manager 2025* promete um “modo carreira sinistro” com síndicos licenciados ao redor do mundo.

Satisfeitíssimo com a reação em cadeia (“como assim cadeia? Ninguém aqui vai pra cadeia”), Carlos Lage colhe vitória em sua mansão no Ecoville, região nobre de Curitiba cujo nome real é Mossunguê. “O bom é que moro em casa, né”, garante-se, saboreando um vinho que poderia ser tanto melhor como mais barato. Lage é o grande favorito à próxima eleição de governador do Paraná, “que nada mais é que um síndico entre Santa Catarina e São Paulo”.

### **Notícias relacionadas:**

- Negócio fechado! San Berillo paga a multa e apresenta Marco Ramires.
- Próximo do Ed. Belmare, Solange Algoz fecha com Ed. Olavo Bilac para o próximo biênio. “Áo, ão, ão, portaria é obrigação”, canta o conselho.
- Cansado da vida de professor substituto, Arnaldo Leitão sonha com o Ed. Acqua Vivere. “Estou me preparando”.
- ENQUETE: zelador ganha jogo? Vote aqui!
- Alexandre Mattos, sem relação com o diretor de futebol Alexandre Mattos, acerta com o Ed. Salsamale. “Vem para ser nosso Alexandre Mattos”.
- Convocação: Estrela anuncia jogo de tabuleiro para apimentar reuniões extraordinárias.



# David Bowie: caos e transcendência

*É impossível não pensar em David Bowie: sensações após Moonage Daydream, um não documentário totalmente Bowiecêntrico.*

Era noite de sexta-feira (16/09) quando cheguei ao Imax para assistir a *Moonage Daydream* (2022), documentário de **Brett Morgen** dedicado a **David Bowie**. Com descrição pretensiosa (“não é um documentário, mas uma *odisseia*, uma *jornada* etc.”), mentes cínicas poderiam torcer o nariz se diante deste mesmo nariz uma tela gigantesca não entregasse belas e raras cenas dos anos 1970 acompanhadas pelo remix de ‘Hallo Spaceboy’ dos Pet Shop Boys em decibéis ensurdecedores.

A brincadeira era coisa séria.

Ao longo das pouco mais de duas horas seguintes, ouvimos, assistimos e acompanhamos Bowie – e tão somente ele. Sem *talking heads* (o recurso, não a banda... mas também sem a banda), sem informações, sem dados, sem capas, sem vendas, sem comitivas.

Não aprendemos absolutamente nada sobre qualquer disco, músico, gravação. Não escutamos qualquer anedota sobre um baixista de 1969, tampouco vemos algum vizinho octogenário descrever o pequeno David Jones. No máximo, descobrimos algo sobre o meio-irmão, Terry, e sobre a segunda esposa, **Iman** – sempre e tão somente a partir do próprio Bowie.

Ninguém fala, a não ser David Bowie (e alguns fãs, na década de 1970, à beira de um AVC por êxtase). Não se trata de um documentário informativo, malemal de um documentário. A execução conquistou o direito à pretensão: que odisséia fantástica; basta sentar-se e absorver.

Me obriguei a assistir outra vez, já na quarta-feira (21), lamentavelmente o penúltimo dia de exibição no Imax de Curitiba. Poderia reassistir outras tantas vezes com a mesma leveza. Dias depois, não consigo parar de ouvir a trilha sonora, relembrando cena por cena – outros amigos vivem a mesma situação.

Se a dimensão visual do filme oferecesse apenas uma tela preta, já valeria o ingresso. Algumas músicas de Bowie ganharam uma mixagem especial para o longa – outras simplesmente estão limpas e altas o suficiente –, e escutá-las no Imax foi uma experiência fantástica. É impressionante, no sentido mais puro e literal da palavra, como o áudio envolve e permite um contato renovado com o material.

Nunca havia realmente gostado de ‘The Jean Genie’, ‘Aladdin Sane’ e ‘Cracked Actor’, por exemplo, na intensidade trazida por *Moonage Daydream*. Possibilitar essa revisão (e renovação) da experiência é encantador por si só.

Ademais, o trabalho de mixagem é primoroso ao trazer fluidez. Músicas diferentes, sons e falas se misturam em um só rio de imersão. A quem não assistiu no cinema, sugerimos com ênfase a experiência num sistema de som decente – nada de ver no *notebook*.

Por sua vez, as imagens intercalam entrevistas antigas, shows, clipes, filmes e bastidores de todos estes, além de nos mostrarem diversas referências abraçadas por Bowie ao longo da vida. Brett Morgen separou oito semanas para organizar o material que tinha em mãos; naturalmente, o processo levou dois anos – e um infarto. A família do músico inglês colaborou integralmente com o projeto.

Para um nerdalhaço em Bowieismo – que já tenha chegado ao nível de gravações descartadas e documentários perdidos –, talvez não haja tantos momentos inéditos, muito menos informações novas. O que absolutamente não é o ponto, tampouco a tentativa.

Primeiro, pagamos pelo recorte, isto é, a arte suprema é a colagem, não o papel colado. Segundo, pouco interessa quem trocou as cordas do baixo quebrado em 1981 ou se o artista almoçou bife com fritas antes de gravar um *single* na Tunísia. *Informações* estão disponíveis e catalogadas em décadas de material produzido sobre David Bowie: já há diversos livros e documentários cobrindo fatos, aspectos técnicos, curiosidades e a mera punhetagem.

O que *Moonage Daydream* oferece é uma leitura da cosmovisão de Bowie – e sua maturação – a partir da melhor experiência sensorial possível. Acompanhamos o artista, já calibrado pelo Budismo, trafegando pela Ásia (em especial as cenas noturnas, estonteantes); ouvimos esse indivíduo ao mesmo tempo tão exposto e impenetrável discorrer sem pressa sobre a vida. Testemunhamos suas referências e nos delicias com elas.

Então, choramos ou seguramos lágrimas (na chuva!) com o fim – de Bowie, do filme, da nossa própria existência. Ambicioso, experimental e conceitual sem abandonar o palatável, esse não documentário inclassificável é a cara de David Robert Jones.





Caetano estaciona carro no Leblon nesta quinta-feira

DIVERSAO.TERRA.COM.BR

# DESAFIO NÃO DIGA FODA-SE

AMOSTRA GRÁTIS

cortesia da Burocrata Carimbos™

Lançado em 2017, o glorioso zine *Desafio não diga Foda-se* segue sendo um dos maiores desafios de autocontrole já impressos. Baseado no quadro de mesmo nome do Último Programa do Mundo e fazendo uma grande homenagem aos jornalistas deste país, o zine é complementado pelos carimbos *Foda-se* da Burocrata (disponíveis em vários tamanhos e modelos para as mais diversas necessidades de tocar o foda-se!).

Nestas páginas, você pode conferir parte da seleção de Notícias Imperdíveis que figuram no zine e, nos QR codes logo ali ↘ é possível ver os modelos de carimbos e o zine completo na loja virtual da Burocrata. Fique à vontade para testar os carimbos também nestas páginas de jornal (ainda que o desafio seja não carimbar, não se pode negar o poder terapêutico de um Foda-se bem aplicado!).

publicado em 02/10/2013 atualizado em 02/10/2013  
**Thor Batista exibe marcas de suor em passeio com namorada no Rio**  
O herdeiro de Elke Batista foi visto fazendo compras com Lunara Campos nesta segunda, 16.



Meu carro é blindado... O macaco nao consegue levantar o carro pra trocar o pneu pq nao agüenta! De quem é a culpa?? Foda passar por isso!!

18:24 - 14 de ago de 2012

Foda Foda Foda  
Foda Foda Foda  
Foda Foda Foda



# Gracyanne Barbosa chora durante treino de musculação e impressiona fãs

08/02/2017 17h09

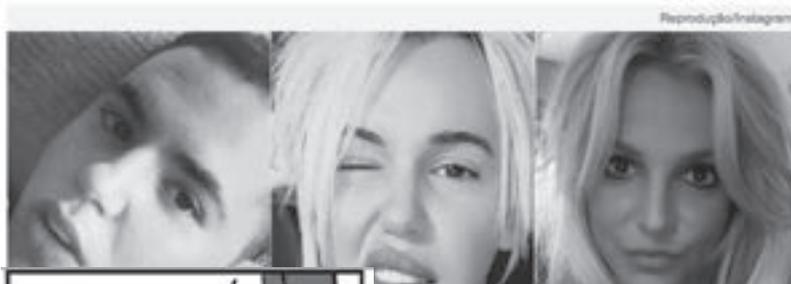
Do BOL, em São Paulo



## Homem gasta R\$ 250 mil em plásticas para ficar parecido com Britney Spears

UOL 09/02/2017 09h04

Do UOL



12/04/14 09:27 01/09/15 00:50

## PAOLLA OLIVEIRA PINTA UMA UNHA DE BRANCO PELA PAZ: 'CHEGA DE VIOLÊNCIA!'

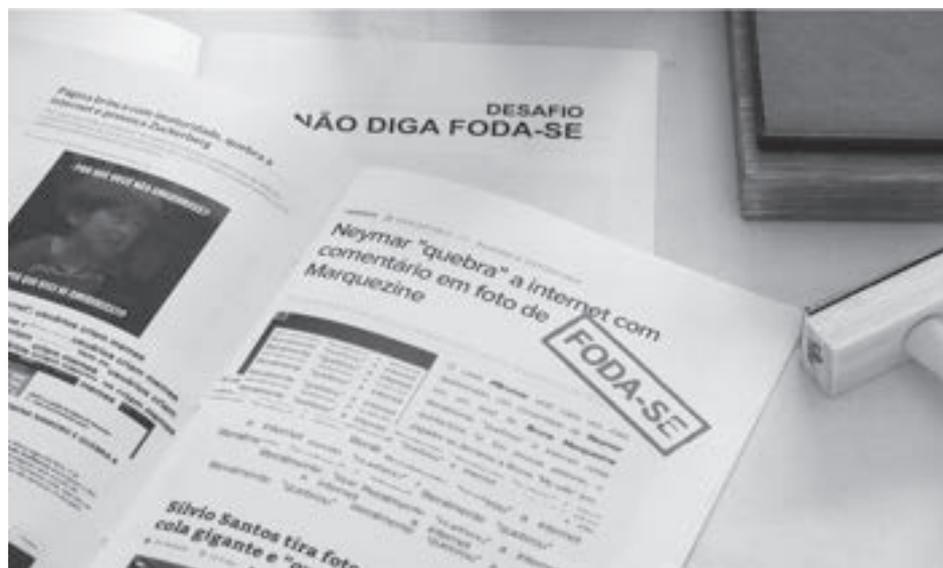
LEIA MAIS



CLEO Pires diz que descobriu o que é fazer sexo com amor com Rômulo Neto e revela: 'Tenho tido uns sonhos pornográficos'



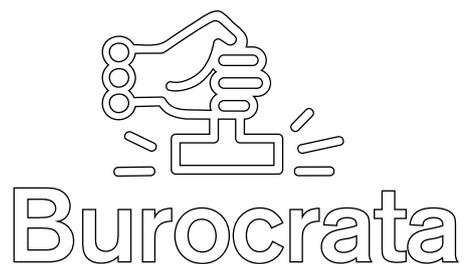
CAROLINA Ferraz, com um visual despojado, faz passeio com o namorado, com direito a beijinho



aqui, você confere o zine completo: ↗



← aqui, você vê os modelos de carimbo:



🌐 burocratacarimbos.com  
@burocratacarimbos

não está familiarizado com o conceito de carimbo? aqui, o editor-assistente mostra como funciona:



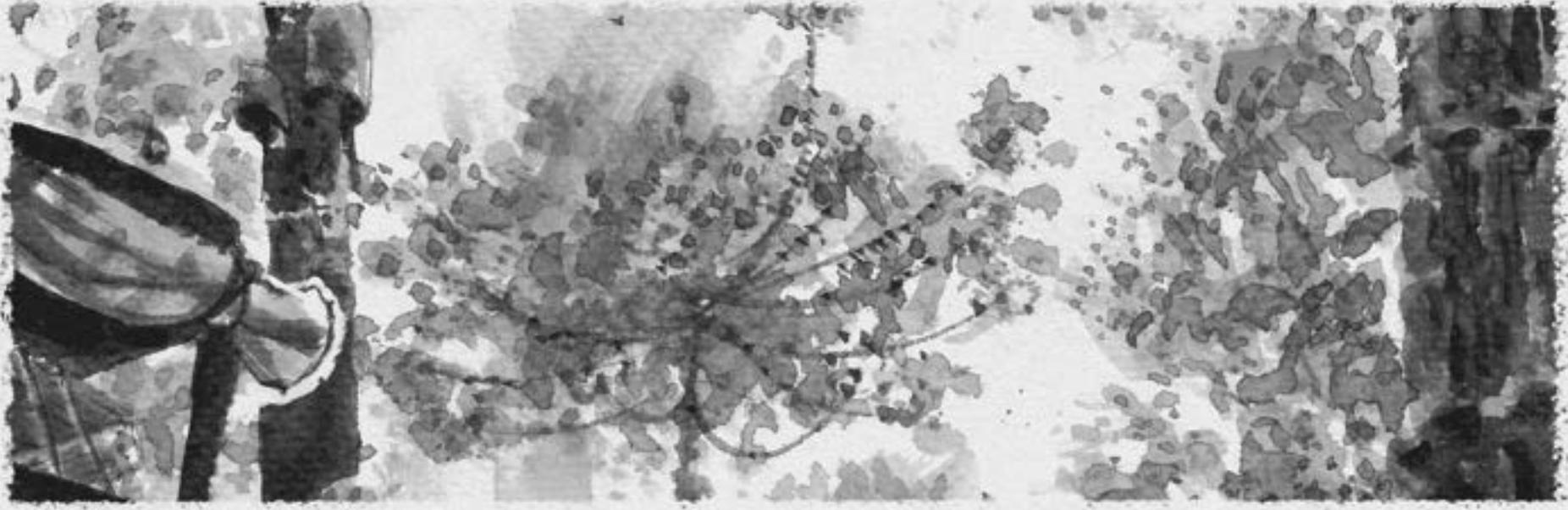
DESAPLANAR

# CONTESTADO AQUARELADO

Entrevista de André Caliman para Ben Hur Demeneck



- Tu lutaria ao lado do Monge, caboclo? - perguntei pra, quem sabe, entender, talvez me convencer.

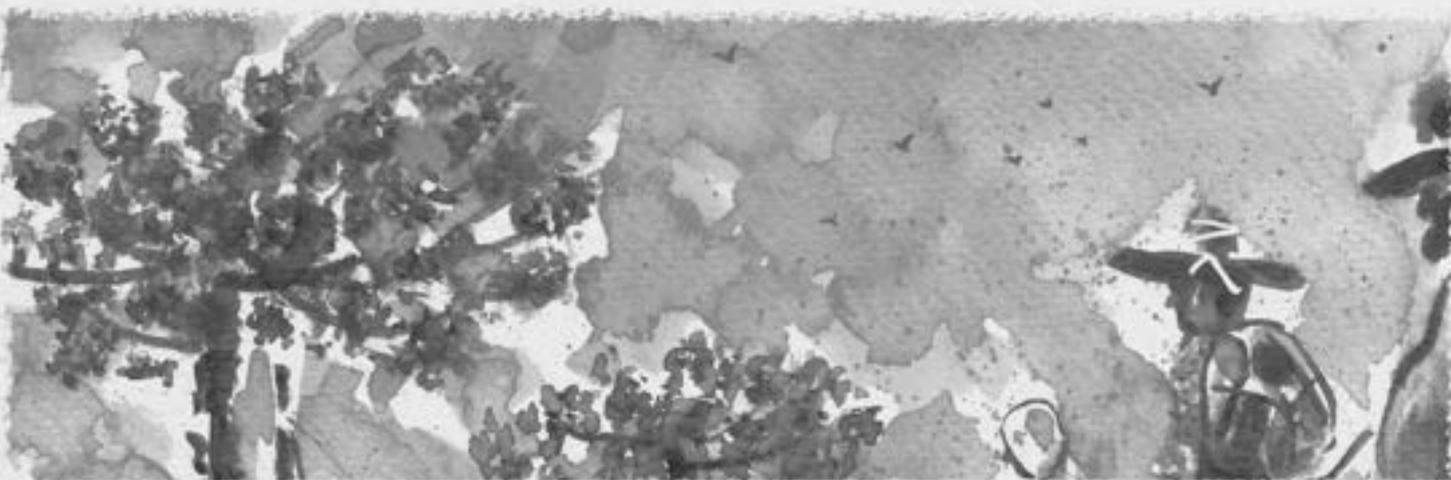


- Eu? Só sei cuidar do meu erval, seu mascate. E tu? Nem luta, só vende, num é? Mas tu é caboclo também.



- Por aqui tu passa sempre tranquilo. Segue firme, que São Sebastião há de te proteger!





O que seria de gente pobre e fraca se até as araucárias de tantos mais de cem anos caíam?



O Monge andava sempre na ponta. Se guardava segredo atrás dos olhos, pra caboclada só dizia certeza. E me viu.



E talvez viu através de mim a maldade. Mas, se sabia de tudo mesmo, também devia saber do meu impasse.



Acaba de sair *Era uma vez no Contestado*, novo livro de André Caliman. Ambientada na Guerra do Contestado (1912-1916), a ficção histórica dispensa o uso de balões para diálogos ou narração. No lugar de quadrinhos, quadros largos como uma tela de cinema exibindo Sergio Leone ao som de Ennio Morricone. Não é prosa, é verso.

“Quando eu fui lançar o *Revolta* lá em Caçador, comecei de fato a pesquisar o Contestado”. Se aquela HQ de 2014 dialogava com a conturbação política posterior às Jornadas de Junho, o público daquele evento no oeste catarinense mantinha viva uma memória própria de Velho Oeste — o Contestado. Nos próximos dez anos, a preparação da obra incluiria leituras e idas a campo. Uma cinco releituras de *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do contestado: 1912-1916* [1966], de Maurício Vinas de Queiroz. Esboços e anotações presenciais dos pocinhos do monge João Maria, do Crematório de Perdizinhas e do campo da Batalha do Irani.

Em *Era uma vez no Contestado*, você encontra uma luminosa mata de araucárias. Mas quanto mais a vista se aproxima das folhas da relva, a paisagem escurece com nanquim e suspense. Personagens de banguê-banguê e poesia épica pintam nas páginas vestidos em mais cores que o escarlata e o dourado. Uma locomotiva se recorta em quatro planos e metáforas visuais. Ora progresso, ora gafanhoto de lata. Um mascate comanda a história, inspirado na figura de um tropeiro tão real quanto anônimo.

“Filho enfeitado da historiografia brasileira”, nas palavras do cineasta Sylvio Back, o Contestado não se restringe à história; ele transborda para o imaginário popular e à invenção artística. A partir do folclore, populares costumam contrapor mentiras oficiais tão visíveis quanto uma locomotiva no meio da sala de aula. Folkcomunicação na veia; Luiz Beltrão explica! Se na HQ de Caliman, a ficção desperta curiosidade por fatos históricos, é interessante lembrar os caminhos de Back. Depois de 40 anos de seu *Guerra dos Pelados* (1971), ele retornaria com um docudrama dedicado a um “resgate mítico”, incluindo depoimentos de médiuns em transe (*Contestado, Restos Mortais*).

Voltando a *Era uma vez no Contestado*, entre os alforjes do personagem mascate, topamos com a formação de André Caliman em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Vemos seu desenho em romances gráficos nos

roteiros de Leonardo Melo (*Undeadman* [2006] e *Sequestro em três buracos* [2012]), seu trabalho autoral em *Revolta* (2014). Ouvimos no pregão do vendedor ambulante o lançamento de revistas independentes, como *Quadrinhópole* e *Avenida*, feitas ao lado de outros autores de Curitiba.

Confira a seguir trechos da entrevista com Caliman, a primeira depois de ele receber os primeiros exemplares físicos do livro. Quem se interessar pela obra pode encomendá-la na página virtual da editora Figura [figuraeditora.com].

**Para você fazer essa ficção histórica você usa versos e técnicas da aquarela. Somado ao *Era uma vez...*, dá um clima próximo da fábula. Por que fez essas escolhas?** Fui chegando nesse formato colorido — de aquarela — e nesse formato de texto pensando numa pegada de poesia épica. (...) [quanto aos versos,] talvez eu tenha pego as primeiras referências de maneira inconsciente. Depois, fui encontrando essas referências. E me surpreendia — “Caramba! Mas isso está muito parecido com as milongas gaúchas”. Porque via que tinha uma rima aqui e ali, mas não deixava de ser uma história meio proseada. Não sei muito bem de onde veio. Talvez de quando decidi tirar os balões de texto.

**Conta um pouco do uso de desenhos com cores chapadas e, depois, da sua aquarela.** O uso das cores teve uma referência mais consciente. Nos quadrinhos dos anos 1970 da Itália e da França, os autores usavam muito a cor. Pegavam muito a teoria da cor. Você encontra quadrinhos em que era tudo laranja. Aí, você olha assim: “Nossa! Só tem laranja aqui!” Mas por quê? Porque tinha todo um significado (...) quando fui fazer a aquarela, percebi que queria trabalhar essa ideia de significado das cores. Nessa hora, usei um pouco de recurso digital para mexer um pouquinho na tonalidade — só na tonalidade! (...) A minha aquarela fica um pouco diferente, principalmente em alguns tons mais escuros, porque uso primeiro o nanquim e passo a aquarela por cima. Então, às vezes, fica uma coisa que parece que não é aquarela. Mas foi nanquim e aquarela, um clássico das histórias em quadrinhos.

**Quais quadrinistas você gosta dos que trabalham com aquarela? E com Western?**

Poxa, tem bastante. Um deles é o Ivo Milazzo, italiano. É o desenhista do *Ken Parker* [1977]. Ele já é um senhor. Trabalhou a vida inteira com quadrinhos. Até



E a viagem foi seguindo. Já levava mais de semana. Aí vi uma caboclada que andava, desde velho até menino.

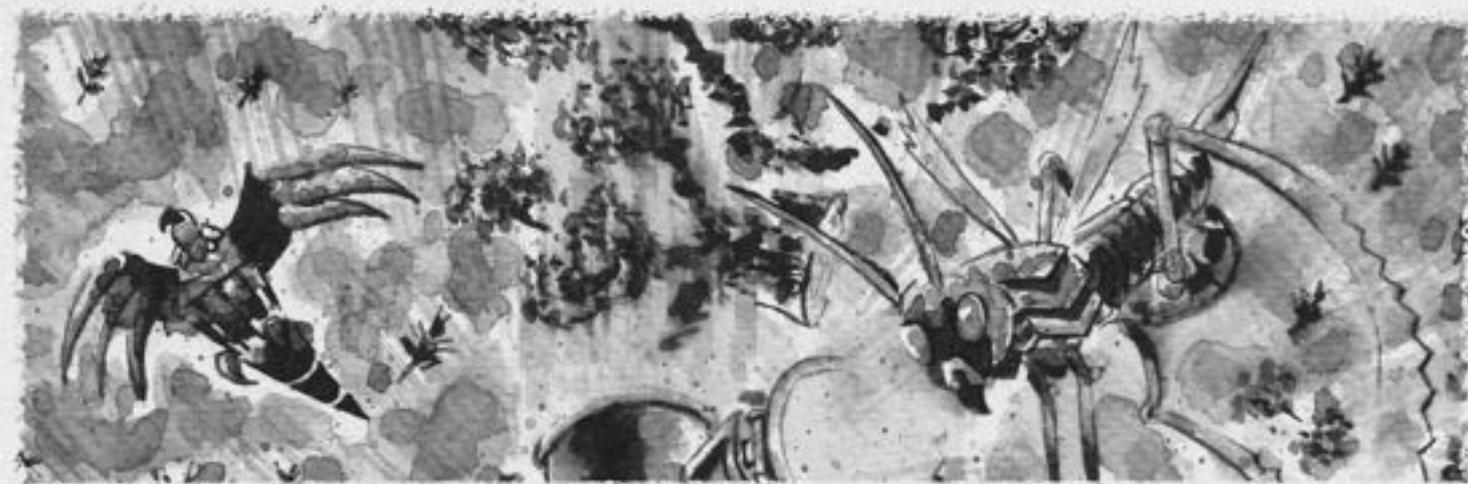


Já se sabia que eram uns desvalidos de terra e de trabalho. Que a ferrovia já quase não carecia mais de trilho.



E a madeireira precisava de terra. E quem sabia o que era título? Na marra, aceitaram qualquer destino.





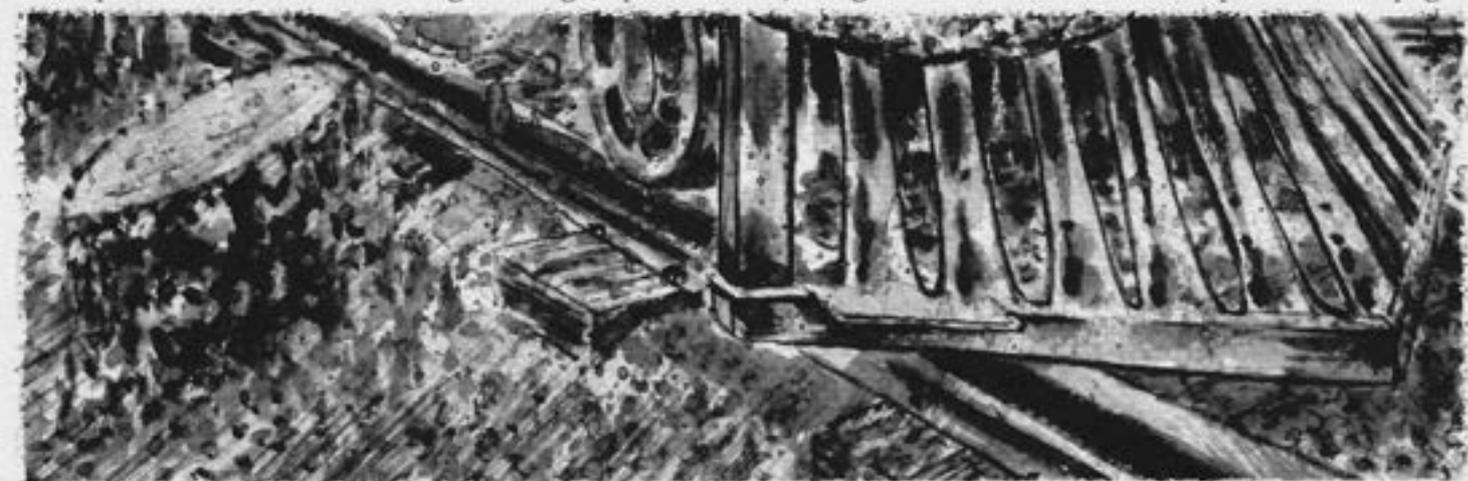
"Mata o Monge, que esse não faz milagre! Maldito monarquista, isso, sim! É contra a ordem! Contra o progresso!"



"Ferrovia já tá funcionando, economia girando. Que arrasem com aquele capão todo! Árvore se planta de novo."



Era o que ele dizia, e aí eu vi. O dragão de fogo, o pássaro de aço e o gafanhoto de lata. E a dívida precisava ser paga.



vai ser lançado um livro dele nos próximos meses pela editora [Figura] do meu livro. [Em Western] tem bastante. Gosto desses quadrinhos. Hoje não leio mais, mas gostava também desses quadrinhos do Tex. Acho bonito. Gosto muito de um autor francês chamado Enrico Marini. Ele foi publicado no Brasil, mas em uma HQ do Batman [*Batman — O Príncipe Encantado das Trevas*, 1 e 2]. Ele já fez Western, lá na França. Também lançou uma série sobre o Império Romano [*As águias de Roma*], toda em aquarela e com bastante ficção no meio. Esse é um cara inspirador, da geração mais atual.

**Sua página da locomotiva traz metáforas visuais quadro a quadro. Comenta esse trabalho de composição.**

A página da locomotiva ilustra bem essa ideia do "era uma vez". A historinha. A "fábula" que você tinha comentado. É bem isso. Queria fazer essa página num contexto de fábula. Ela retrata o que o Contestado tem de fábula, a coisa do dragão de fogo, do pássaro de aço, do gafanhoto de lata. Tem todo esse imaginário meio mitológico em torno do Contestado.

**Como foi sua pesquisa de campo na região do Contestado?**

Como comecei há 10 anos, foi um longo processo e muitas viagens. De tempos em tempos, o material era reunido. Mas para produzir as páginas do álbum mesmo, levei um ano só. Comecei no início do ano passado e terminei ali no começo deste ano. Foi um ano desenhando. Antes de começar a desenhar para valer, fiz uma viagem para valer também de pesquisa. (...) Encontrei historiadores que me levaram para locais bem pontuais. Por exemplo, para visitar os pocinhos do monge. Visitar o Crematório de Perdizinhas, onde eles cremavam os mortos ainda durante a guerra, onde acharam ossadas e tudo. (...) Fui a locais específicos mesmo. E, principalmente, esbocei as páginas. Principalmente a da Batalha do Irani; fiz os esboços das páginas no campo de batalha lá, queria ver ali, ah, de onde eles vieram. "Ah, eles vieram correndo daqui". "Ah, então, os soldados deviam estar ali" [encena].

**Até a topografia fez parte da pesquisa e entrou no desenho.**

Isso. Fiquei cinco dias bem ali, num hotel bem na frente, pertinho do campo da Batalha do Irani. E aí eu ia todo dia, de manhã, de madrugada, de tarde, de noite. Aí fazia umas aquarelas. Pegava almoço, pegava vegetação. Isso foi bem legal. Foi a única vez que fiz isso tão fortemente.

### [Floresta pintada em aquarela]

Olhando agora o livro dá pra sentir algumas pinceladas soltas, que era o jeito que eu queria fazer mesmo. Porque eu sabia que ia ter que desenhar muita floresta, muita árvore, muito mato. Não queria fazer aquela folhinha bonitinha, aquela coisinha, né? Eu queria deixar solto mesmo.

**Falando em floresta, antes da entrevista, li uma dissertação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [Caboclos contra o progresso, de Daniel Nunes; 2017]. Achei interessante ela analisar a Guerra do Contestado considerando o meio ambiente. Você sentiu também a força da questão ambiental durante suas visitas?**

Em Fraiburgo tem uma floresta nativa. Preservada, sabe? Lá você encontra aquelas araucárias centenárias. É uma floresta que não foi mexida. Eles conseguiram conservar. Hoje é um parque e lá você tem uma noção do universo que os caboclos viviam. É uma floresta incrível! Misteriosa mesmo, fechada. (...) A chegada da ferrovia e da madeireira mudou muito o ambiente e afetou a subsistência das pessoas. Até é uma coisa que o pessoal fala pouco: eles criavam muitos porcos (...) Os caboclos viviam ali se alimentando dos porcos e do pinhão. Os porcos comiam o pinhão. Na medida em que começaram a derrubar muito pinheiro, acabou que os porcos emagreciam. (...) deixava os caboclos mais pobres porque tinham menos coisa para comer (...) então é isso aí: a questão ecológica é muito presente.

### [Extra: O ANÔNIMO QUE VIROU PERSONAGEM]

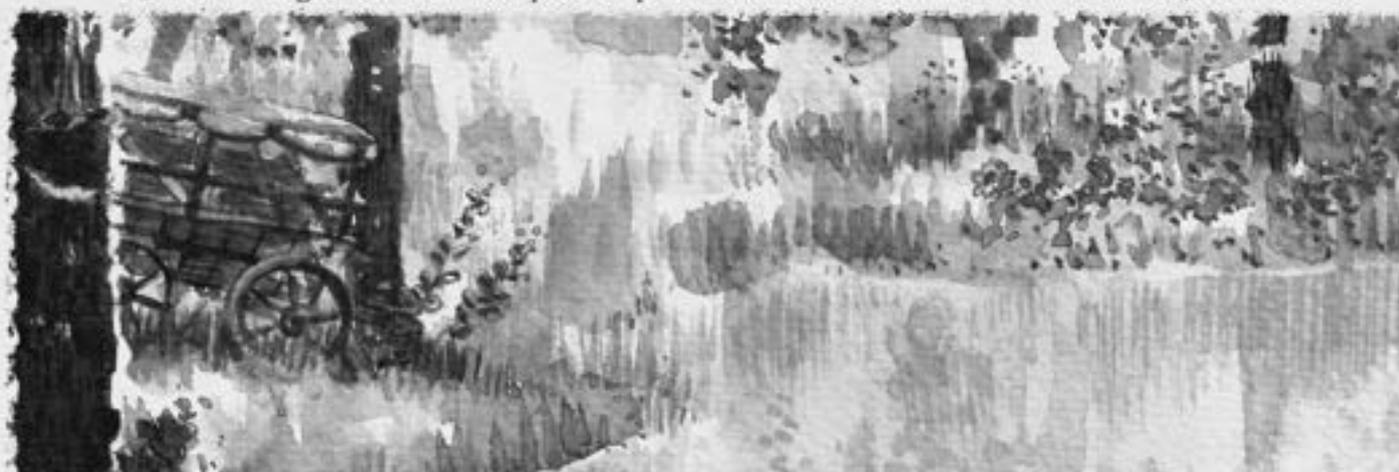
Gosto de ter explorado a figura do personagem Roque, que é um tropeiro, um mascate. Ele é o personagem principal, tudo que acontece ali na HQ é do ponto de vista do Roque. Mas só tem um registro histórico do Roque, do livro do Maurício Vinhas de Queiroz. Lá tem um depoimento de um soldado contando de uma metralhadora que caiu no banhado e ficou inutilizada. Esse soldado levou uma bronca do João Gualberto por derrubar a metralhadora. Mas o soldado jogou a responsabilidade em um tropeiro que estava ali para vender uma carga de milho. E pronto. É só isso que tem de histórico dele. Pensei: "Esse é o cara com quem eu posso fazer qualquer coisa". Porque ele é um anônimo também, não é? Então ele virou um personagem. O principal.



- Produto da capital vai chegar cada vez mais. - eu disse. - A ferrovia vem se estendendo, ao largo e ao fundo



- Que num chegue nunca! Pensa que essa parte do vale vai continuar assim intocada, seu mascate?



- O Monge bem que alertou. Agora é tarde, só resta pelear. Tá sabendo do Irani? Ai que o fim do mundo começou



## Tradução de Nícolas Wolaniuk

Texto em latim da edição:

Mynors, R.A.B. *C. Valerii Catulli. Carmina, recognouit breuique adnotatione critica instruxit. R. A. B. Mynors. Oxford, Clarendon Press, 1960.*

## VI

Flavi, delicias tuas Catullo,  
ni sint illepidae atque inelegantes,  
uelles dicere nec tacere posses.  
uerum nescio quid febriculosi  
scorti diligis: hoc pudet fateri.  
nam te non uiduas iacere noctes  
nequiquam tacitum cubile clamat  
sertis ac Syrio fragrans oliuo,  
puluinusque peraeque et hic et ille  
atritus, tremulique quassa lecti  
argutatio inambulatioque.  
†nam inista preualet† nihil tacere.  
cur? non tam latera ecfututa pandas,  
ni tu quid facias ineptiarum.  
quare, quidquid habes boni malique,  
dic nobis. uolo te ac tuos amores  
ad caelum lepido uocare uersu.

## VI

Flávio, se tua mina fosse linda,  
elegante, cê vinha rapidinho  
revelar pro Catulo. Mas eu sei lá  
quem é a sifilítica que cê curte:  
te envergonha dizer o nome dela!  
Que sozinho você não passa as noites,  
sem falar, tua cama já me conta  
com cheirinho de flor e essência síria,  
com os teus travesseiros amassados  
— não um: dois! — com os passos e  
os impasses,  
da cama chacoalhada até a colcha. . .  
Nada vale esconder as tuas glórias!  
Por quê? Teus flancos já tão *tão* fodidos  
que cê só pode tá num troço errado!  
Então, seja lá o que for, bom ou ruim,  
conta aí! Vou elevar a tua mina  
lá no céu esgoelando um punk rock.

## XXII

Svffenus iste, Vare, quem probe nosti,  
homo est uenustus et dicax et urbanus, idemque  
longe plurimos facit uersus.  
puto esse ego illi milia aut decem aut plura  
perscripta, nec sic ut fit in palimpseston relata: cartae  
regiae, noui libri,  
noui umbilici, lora rubra membranae,  
d directa plumbo et pumice omnia aequata. haec cum  
legas tu, bellus ille et urbanus Suffenus unus  
caprimulgus aut fossor  
rursus uidetur: tantum abhorret ac mutat. hoc quid  
putemus esse? qui modo scurra aut si quid hac re  
scitius uidebatur,  
idem infaceto est infacetior rure,  
simul poemata attigit, neque idem umquam aequae est beatus  
ac poema cum scribit: tam gaudet in se tamque se ipse  
miratur. nimirum idem omnes fallimur, neque est quisquam  
quem non in aliqua re uidere Suffenum possis. suus cuique  
attributus est error; sed non uidemus manticae quod in tergo  
est.



## XXII

Aquele Sufeno que cê conhece, Varo, — sujeito elegante, eloquente, refinado — ele escreve, longamente, um monte de versos. Acho que são dez mil já escritos ou mais, não em palimpsesto, que é como se faz, mas em rolos nobres de papiros novinhos, com hastes novas e, envolvendo o pergaminho, laços rubros de couro. Tudo escrito em plomo. Mas só de ler os livros, polidos com pomo, o belo e urbano Sufeno vira num jacu!

num capial fosseiro! muda tanto que assusta! Que pensamos disso? Agorinha, parecia um gentleman — ou coisa ainda mais sabida —

mas assim que toca num poema, ele acaba mais sem graça do que a pior das desgraças e apesar disso não há ninguém tão feliz quanto ele ao versejar: como ele se admira! Algum engano, é certo, todos cometemos. Todo mundo é, ao menos, um pouco Sufeno: pra cada qual, uma falha é atribuída: mas não vemos, nas costas, a nossa mochila.

## XXXII

Amabo, mea dulcis Ipsitilla,  
meae deliciae, mei lepores,  
iube ad te ueniam meridiatum.  
et si iusseris, illud adiuuato,  
ne quis liminis obseret tabellam,  
neu tibi lubeat foras abire,  
sed domi maneat paresque nobis nouem  
continuas fututiones.  
uerum si quid ages, statim iubeto: nam  
pransus iaceo et satur supinus pertundo  
tunicamque palliumque.

## XXXII

Morena, minha dona, meu xodó,  
me manda passar a sesta contigo. Vou  
curtir. Mas, cuida lá, por favor, de não  
deixar que algum outro ponha gravata  
ao redor do trinco da porta. E nem vá  
você teimar em sair.  
Fica em casa e se prepara que eu vou te  
foder nove vezes seguidinhas.  
Se tá bom assim, vai! me manda ir!  
Depois da marmita e da soneca  
já fico furando o zíper do jeans



Carioca insulana, vive do texto: é redatora, editora, ficcionista e poeta. Participou de várias antologias de ficção especulativa. Em 2021 ganhou o Prêmio Grand ABERST e, em 2022, foi finalista na categoria Narrativa Curta de Suspense. Em 2024, lança dois livros: a coletânea de contos "Desilusão de ótica – contos e aparições", pela Urutau, e a coletânea poética "Para tudo que nasce e morre, o interlúdio é o presente infinito", pela Mondru.

**Editora Urutau**  
82 páginas  
RS 48,00



[ursula.antunes.de@gmail.com](mailto:ursula.antunes.de@gmail.com)  
[@ursulaantunes\\_cl](https://www.instagram.com/ursulaantunes_cl)



## Zulmira Ribeiro Tavares

*Trecho de A curiosa metamorfose pop do sr. Plácido*

Pela primeira vez em sua vida o sr. Plácido se observa. Agora, neste momento. Inclinado para a frente, despido da cintura para baixo, as pernas finas e cabeludas ligeiramente abertas, as nádegas imensas e brancas apoiadas na pequena e leve circunferência rosa. Tem ele a impressão de ser este o único apoio para o seu corpo, que os seus pés mal tocam o chão; paira. Dois pares de aspas, como frágeis mãos, colhem-no por baixo, delicadamente, pelas nádegas e guardam-no consigo. Novos limites? Não pode evitar. Exatamente como descreve o catálogo. Está no catálogo. Colhido pelas aspas como dentro de uma cápsula, aguarda a revelação; uma revelação de ponta-cabeça; mas que, se vier, fugirá imediatamente a este estado de graça, pois que de pronto será encaminhada ao laboratório para exame. Arte e ciência. Arte e não arte! Os limites depositos outra vez? As respostas acham-se retidas dentro da cápsula com o sr. Plácido. O sinal da revelação ainda é apenas o roxo na sua fisionomia congesta. O sinal é esforço, mas esforço suspenso, sem quase apoio, roxo, roxo solferino. A suspensão é auréola: o plástico rosa, frio e leve. Um precário estado de graça iluminado pelos antípodas: roxo violento, rosa tênue. Duas cores, ou uma: dois tons, ou um

puro  
perfeito  
objeto  
Pop.